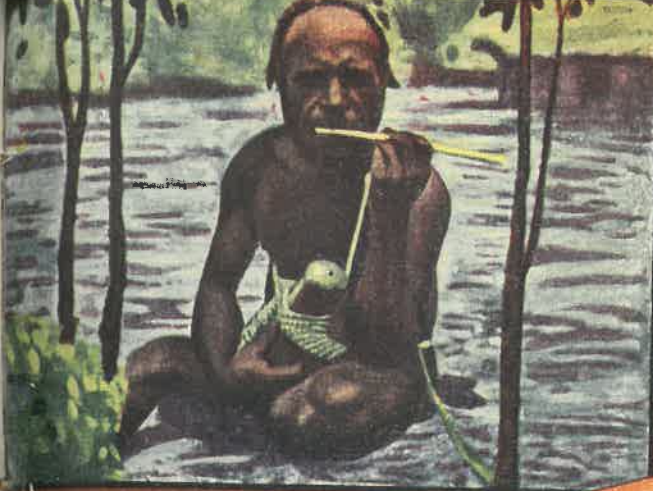




A OBRA *das* MISSÕES



JOIAS PRECIOSAS
EXTRAÍDAS DA SELVA



- 1) Carregando uma camioneta com vestidos confeccionados pela Sociedade de Beneficência.
- 2) Membros da Sociedade de Beneficência trabalhando.
- 3) Filhos de refugiados chineses.
- 4) Em favor de crianças cegas e estropiadas.
- 5) Um ninho de pequenitos.
- 6) Uma classe de enfermagem doméstica.
- 7) Tratamento cirúrgico.
- 8) Imprimindo literatura cristã.
- 9) Cestos de gêneros para os pobres.
- 10) Armazenando frutas e gêneros para os necessitados.

O nosso trabalho missionário em África

como esta, contribuindo assim para a realização do triplice programa evangélico em África, nessa parte da terra há tanto tempo conhecida na história missionária por «continente negro».

Além das actividades espirituais e educacionais, uma esplêndida obra médica tem constituído parte do esforço missionário, com os melhores efeitos no combate à doença e à feitiçaria. Com efeito, segundo a declaração de um membro do Governo da África do Sul: «O único homem que pode combater com sucesso contra o poder do médico feiteceiro, é o médico missionário». Êste é um facto evidente.

Os progressos animadores realizados no campo da medicina em favor do indígena são já uma parte da recompensa dada a todos aqueles que nos anos passados têm contribuído com os seus donativos para êste ramo da obra de Cristo. As necessidades porém tornam-se cada vez maiores e os urgentes apelos dos milhões que se debatem nas trevas e na sombra da morte chegam até nós em gritos comoventes, rogando que os libertemos dessas trevas, da imundície, da doença e da superstição.

Contam-nos os nossos abnegados missionários que durante as suas repetidas viagens, na África Central, têm presenciado face a face essas confrangedoras necessidades. Dizem-nos que em milhares de aldeias deparam com mães e criancinhas sofrendo indizível miséria, muitas das quais morrem de morte prematura, devido à ignorância e falta de cuidado médico. Exemplos de sofrimento humano, que só o contemplá-lo faz sangrar o coração, podem ser citados sem conta. Que bênção constituiria para eles o ministério médico!

«Vale a pena preocupar-nos com êsse povo sofre-

Há mais de vinte anos que o Departamento Missionário vem sendo auxiliado com o produto da colocação de revistas

dor?», preguntareis vós. «Realmente aproveitam o esforço dispendido em seu auxílio?» «Vale a pena que médicos e enfermeiras deixem a pátria e se sepultem no trabalho e sacrifício por essas pobres almas entenebrecidas?» Não há senão uma resposta: *Sim*.

Veteranos ao serviço das missões em África, que têm presenciado os nobres esforços que estão sendo feitos por obreiros médicos consagrados nos vários campos de África, podem testemunhar que de facto vale a pena levar avante e sustentar semelhante programa. Apenas um exemplo ou dois dos muitos que nos têm sido citados bastarão para provar a verdade desta afirmação.

«Não há muito que testemunhámos uma operação feita por um dos nossos médicos num hospital missionário, onde fôra removido de um indígena um tumor que pesava 18 quilos. O velho chefe da tribo estava presente nessa ocasião, e com profunda emoção e gratidão exclamou: «Doutor, V. salva o meu povo!» Testemunho semelhante é dado por milhares de outros que experimentaram ou testemunharam êsse ministério médico.

A êsse mesmo hospital foi uma senhora idosa, para lhe ser tirado um grande abcesso do pescoço. O tumor pesava uns 5 quilos e 500 gramas. Essa mulher andara uma distância de quinhentas milhas para chegar ao hospital. Veio como uma sofridora mulher pagã; voltou para o seu povo curada na saúde e alegrando-se na liberdade do Evan-

Mães africanas trazendo os seus doentinhos à enfermeira missionária



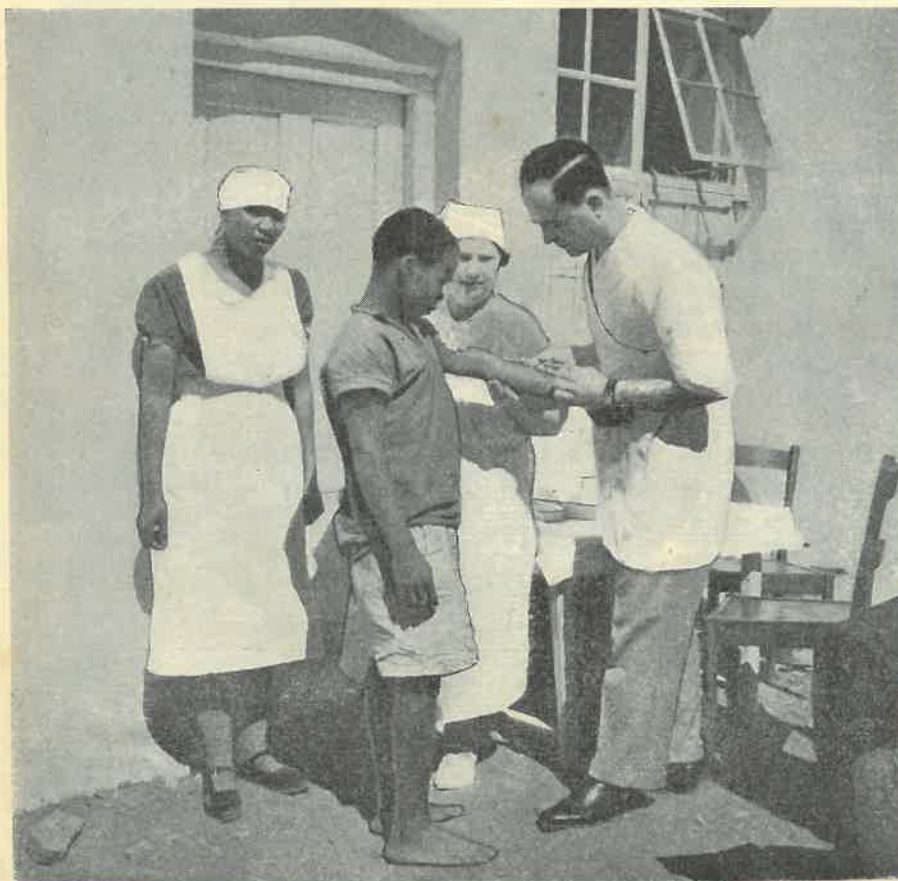


Três leprosos tratados na missão de Malamulo

gelho. Porquê? Porque o médico e a enfermeira, ao mesmo tempo que tratavam da sua necessidade física, levaram-na a aceitar Cristo como seu Salvador pessoal. Quando ela deixou o hospital, disse: «Sr. Doutor, o meu povo ainda não sabe que estou bem fisicamente e tenho dentro do meu coração a alegria e paz do Evangelho.

Mas quando eles virem o que fizestes em meu favor, muitos mais virão ao vosso hospital». Este é apenas uma das

O médico missionário em acção



centenas de casos de semelhantes transformações operadas pelo ministério médico missionário.

Um aspecto muito interessante da obra médica é a que se destina aos leprosos. Duas colónias de leprosos merecem menção especial. Quarenta e cinco milhas ao sul de Blantyre, Nyassaland, pode ver-se a Colónia Missionária de Leprosos de Malamulo. Actualmente é a maior leprosaria que funciona nesse protectorado. A capacidade presente desta colónia é de 250 pacientes, mas o governo está insistentemente urgindo para que seja ampliada de sorte a acomodar 500 leprosos. Desta Colónia de Malamulo mais de cem leprosos têm saído completamente curados, e em dezenas de outros casos o progresso da doença tem sido retido.

No Congo do Sul, na Missão Songa, pode ver-se outra colónia de leprosos, onde 135 pacientes estão presentemente recebendo tratamento. Esta colónia foi estabelecida mais recentemente, e os resultados já obtidos têm provocado os mais altos elogios do Governo Belga. Precisamos muito de fundos que nos permitam tratar pelo menos de quinhentos doentes neste lugar.

Referindo-se à obra de assistência médica em Angola o professor missionário Jerónimo Falcão escreve o seguinte: «O nosso hospital do Bongo é um dos melhores do interior de Angola para assistência indígena. No seu dispensário são feitos diariamente centenas de tratamentos. De entre os colonos também recorrem a êle. A leprosaria está também aumentada para poder ocorrer às necessidades dos gentios leprosos daquela região».

Embora se tenham feito muitos progressos, devemos confessar que mal tocámos ainda nas necessidades das pobres tribus sofredoras de África. Há ainda muito maior serviço de misericórdia e elevação a ser prestado.

Diariamente descem milhares de indígenas a sepulturas não cristãs. Quão poucos para as necessidades da África são os nossos dez hospitais, vinte e sete dispensários e quatro leprosarias, onde trabalham onze médicos, vinte e uma enfermeiras brancas e cinquenta e seis auxiliares indígenas. O número devia ser pelo menos triplicado, e quanto antes.

Portanto convidamos a todos a quem esta Revista Missionária possa chegar, a que alegremente se juntem conosco abrindo cada vez mais as portas para um ministério médico mais eficiente durante os dias vindouros.

Nas terras da lenda e do feitiço

Desejo apresentar aos queridos leitores desta revista, as minhas observações feitas nos costumes dos indígenas desta linda terra do Lucusse — localidade onde exerço as minhas funções instrutivo-religiosas. Chamo-lhe linda, porque o é de facto.

Estas terras têm qualquer coisa de muito semelhante com os seus habitantes naturais: uma vez desbravadas, cultivam-se nestas terras, com a maior beleza, cravos, amores-perfeitos, rosas e madre-silvas, etc.; igualmente desbravados, os seus naturais habitantes tornam-se dóceis, trabalhadores e cumpridores dos seus deveres.

Estou convencido de que um dos maiores flagelos dos indígenas é a crença obstinada que eles têm no fetichismo. Parte dêste princípio: os indígenas — pelo menos os do Lucusse — só consideram a morte natural, isto é, não provocada, na velhice, quando o parente já não possa fazer nada pelo pêso dos anos; em caso contrário, seja qual for a enfermidade, desastre ou mesmo devorado por uma fera, é tomado como obra de feitiços.

Quando acontece morrer alguém, no gôzo das suas faculdades físicas — o que é freqüente, devido a maior parte ao estúpido tratamento dos «kimbandas» (curandeiros), — é imediatamente chamado um adivinho, para descobrir quem foi o autor do feitiço. Como o adivinho é bem remunerado, terá que acusar um desgraçado qualquer que está inocente em todos os casos — a não ser que houvesse envenenamento (o que também é freqüente, entre eles, por dá cá aquela palha), mas mesmo nestes casos, que eles não distinguem, há-de pagar quasi sempre o justo pelo pecador.

Uma ocasião um grupo de negros levava preso um desgraçado ao Chefe do Posto, acusando-o de ter enfeitado uma mulher que tinha morrido nestas proximidades. O chefe perguntou-lhes como provavam isso. Foi o nosso adivinho quem descobriu, — responderam. Foi chamado o adivinho e o Chefe fez-lhe a mesma pergunta, e êle então disse-lhe que tinha sido a morta que lho tinha dito! Claro está

que esta resposta não satisfiz o Chefe. O adivinho vendo-se seriamente apertado teve que declarar diante de todo o auditório indígena, que aquela mulher tinha morrido por uma doença de Deus. O adivinho foi para a prisão, e o desgraçado solto, isto é, foram intimados a soltarem-no. Pensam os leitores que eles ficaram convencidos? Puro engano. Retiraram-se indi-

gnados dizendo que os brancos não compreendiam as questões dos pretos. E o desgraçado que eles tiveram que soltar, como era justo, escapou de ser queimado vivo, por isto se ter dado perto da autoridade; mas mesmo assim não lhe quero estar na pele, porque a sorte dêste infeliz ainda é questão de lugar e de oportunidade. Os sertões de Angola são enormes, (Continua na pág. 15)



Professor indígena com sua família

Médicos feiticeiros — O único homem que pode combater com sucesso o poder do médico feiticeiro é o médico missionário.



Nossa obra

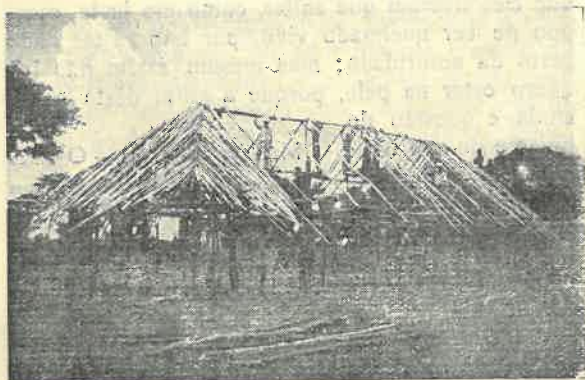
nos

Camarões

Já se passou um ano desde que chegámos aos Camarões. Um ano de alegria ao serviço de Deus entre os pretos, um ano

que correu muito rapidamente. É penoso por vezes viver longe dos parentes, dos amigos e da terra natal. Mas não sucede o mesmo quando o trabalho que se realiza em terra estranha é feito pela causa de Deus. O trabalho do missionário é ao mesmo tempo tão variado, tão cheio de imprevistos, tão rico em experiências de todas as espécies que apresenta cada dia um interesse novo. É o que faz com que os meses e as semanas se passem tão rapidamente.

A nossa obra possui actualmente três estações principais nos Camarões. Em primeiro lugar Nanga-Eboko, onde habita o director do campo mis-

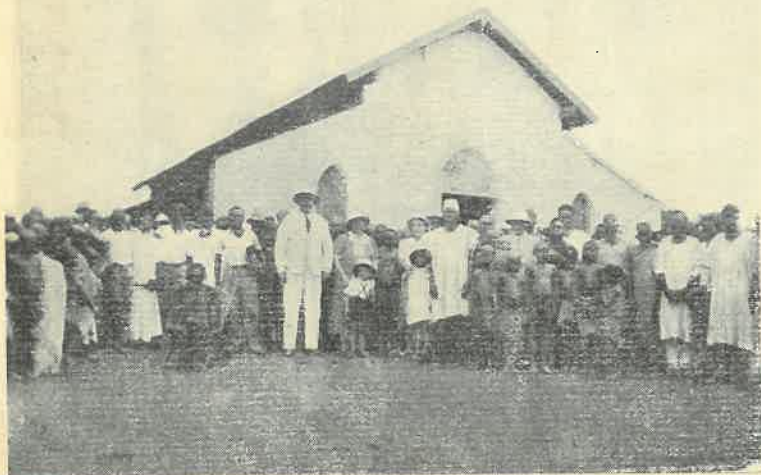


Cuaile - Angola — Construindo uma capela

sionário. A maior de nossas escolas encontra-se nessa missão, e reúne perto de quatrocentos alunos, da classe infantil até à admissão ao liceu, o que exige a presença de uma segunda família missionária. Mais para o interior encontra-se

Ndombi, pequena missão situada no

Camarões — Capela de Batouri



meio da bela floresta equatorial de árvores gigantescas. Finalmente, a 270 quilómetros para o interior encontra-se Batouri.

Camarões — Família Missionária

Esta última missão é a que nós amamos mais. Foi lá com efeito que tivemos a alegria de passar o nosso primeiro ano de vida missionária, ano todo ele de aprendizagem e onde fizemos as primeiras experiências. A vida é muito diferente da da Europa: o trabalho é diferente, as pessoas também, e a sua mentalidade não é a mesma que a dos Europeus. Pouco a pouco, temos de nos habituar a todas estas mudanças, adaptar-nos a esta nova vida.

A missão está situada numa pequena colina, com uma linda vista sobre a selva africana e sobre a floresta virgem, esta última distante alguns quilómetros. Um pouco mais longe à margem da auto-estrada encontra-se a aldeia de Batouri, dividida em duas partes como sucede em Africa: o bairro indígena e o bairro europeu, habitado por alguns comerciantes.

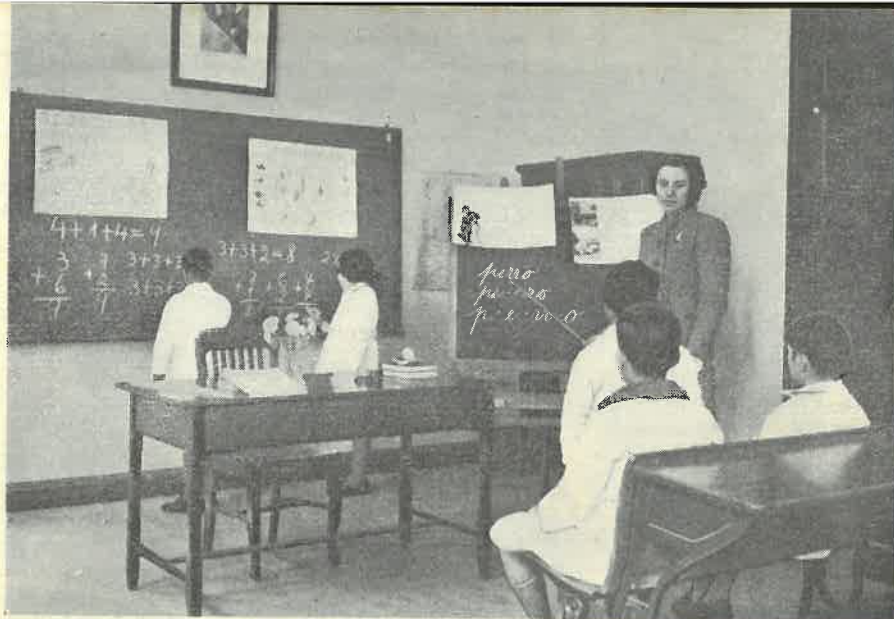
Mas falemos da missão e do trabalho. Temos duas capelas em Batouri, uma grande no centro indígena, outra perto da missão. O número de pretos que frequentam regularmente as reuniões e sobretudo o culto do sábado é de 300 a 400, o que é animador. O missionário ocupa-se das reuniões principais ajudado por um cate-

(Continúa na página 16)

Educação da juventude nas missões

Almeida Garrett consagrou ao tão importante assunto *Da Educação* um tratado que constitui uma das mais belas jóias saídas da sua mão de artista. Embora um pouco romântico na forma literária e no modo de encarar o problema, muitas das suas páginas são dignas de lidas e aproveitadas hoje ainda. «O objecto da educação — diz-nos elle — é formar o corpo, o coração e o espirito do educando.

«Daqui as três divisões naturais da educação



constitue «o Escola primária adventista na Argentina mais alto assunto de que podem falar os homens», no dizer do mesmo Garrett.

Em primeiro lugar o conhecimento do verdadeiro Deus : «A idéia de um Deus Criador, que toda a natureza nos brada e proclama com tantas bocas quantos são os objectos da criação, esta idéia primordial de todas as religiões, coroa e chave de toda a moral, deve o mais cedo que fôr possível ser inspirada à inocência; ou, mais exactamente, de ve para ela ser guiado seu tenro coração».

Não se trata porém do simples conhecimento de Deus; como o que poderia ministrar qualquer religião; urge tornar conhecido também, e sobretudo, Jesus Cristo e a Sua obra redentora : «Como homens, isto é criaturas, os nossos deveres religiosos são devidos ao Criador; como cristãos, ao Re-

dentor. Estas duas coisas não se separam nem são separáveis».

Escola de artes e officios adventista. Secção de marcenaria



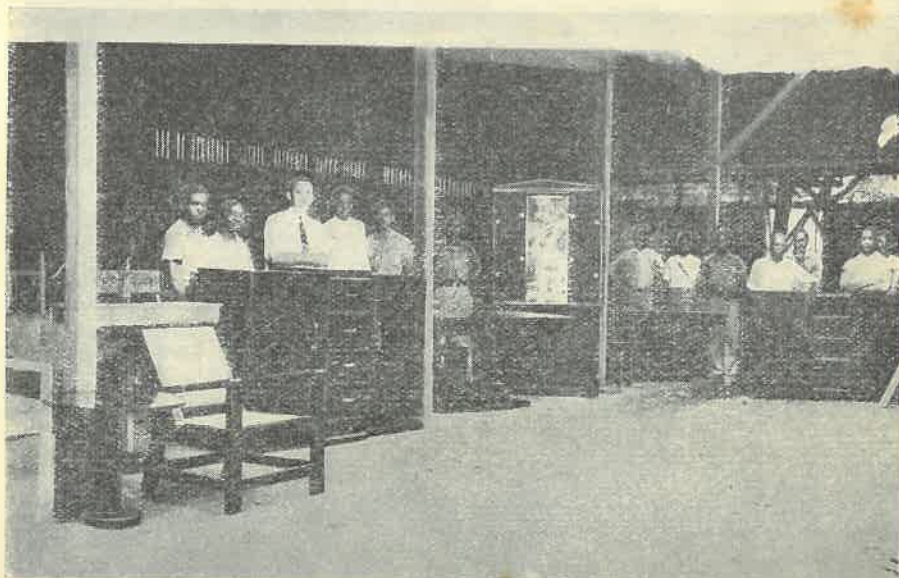
Escola adventista do Cuale - Angola

zem-se estas divisões para clareza da matéria e fa- cilidade do plano educador, porque as não fez a natureza nem comporta a prática. Todas três estão ligadas, são objectos que juntos se devem obter, em que ao mesmo tempo se deve trabalhar, e que sem mútua destruição de todos se não podem separar».

Não basta pois a educação física e intellectual. Um jovem com essa educação em alto grau pode estar perfeitamente apetrechado para o crime e realizá-lo com elementos mais perfeitos do que o ignorante...

Torna-se necessária a educação moral e religiosa, que

física, moral e intellectual. Fa- da matéria e fa-





Escola primária adventista nas Filipinas

Eis algumas virtudes que a educação deve inculcar: «A caridade inseparável da piedade, a tolerância, parte essencial da caridade, o horror à perseguição, o amor da justiça e da verdade, um santo medo do fanatismo e da superstição, uma avisada desconfiança e discreto receio da hipocrisia...»

Até aqui Almeida Garrett.

Ora é justamente esta educação das criancinhas que se impõe se quisermos transformar os povos selvagens, por exemplo da África, em participantes da civilização. Adultos, onde profundamente radicaram hábitos de superstição e de barbárie, dificilmente abraçarão nova maneira de viver, dificilmente

Escola de artes e ofícios adventista nas Filipinas

«nascerão de novo», a não

mo que se desprende da ordem de Jesus: «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura.» Mas dado mesmo o caso que êle tivesse o entusiasmo incoercível que impulsiona o missionário cristão, poderia como êste ministrar cultura física em escolas de artes e ofícios ou tratar doentes como enfermeiro ou médico; poderia igualmente ensinar os rudimentos literários; nunca porém conseguiria infundir os germens de vida nova que transformassem ignorantes selvagens em bons cristãos, e por conseguinte em bons cidadãos. É que êste nas suas escolas reconhece a verdade fundamental de que a educação autêntica não é simples instrução, mas a valorização harmônica de todas as faculdades humanas, com os olhos postos em futuros cristãos e cidadãos úteis e honrados. E por isso é que a experiência tem mostrado

que só pelo braço do missionário cristão, só por intermédio do cristianismo, é que o selvagem entra no seio da civilização verdadeira.

Esta educação pretendem justamente dá-la os Adventistas do Sétimo Dia, que apesar de não muito numerosos, têm 5.539 professores com 101.847 alunos em 2.763 escolas espalhadas pelos diversos países de missão.

Dentre êsses professores alguns têm partido de Lisboa nos últimos anos para as colônias, com o seu diploma oficial de ensino particular nas malas, e com um leal amor pela pátria nos corações, conscientes de que longe de irem realizar a obra anti-nacionalis-

(Continúa na página 16)



AJUDEMOS OS QUE SOFREM

Qualquer igreja ou qualquer pessoa que deseja possuir com honra o nobre título de cristã não pode deixar de sentir o dever de auxiliar os que sofrem. O «evangelho do reino»

deve ser ensinado no espírito e pelos métodos de Cristo que percorria as cidades e aldeias curando os doentes. S. Lucas, médico cristão e companheiro de S. Paulo, relata esta experiência de Jesus, em Capernaum da Galileia :

«E ao pôr do sol, todos os que tinham enfermos de várias doenças lhos traziam; e, pondo as mãos sobre cada um deles, os curava».

Calculamos a quantidade de conversações animadoras, de conselhos salutaros, de expressões de carinho que tiveram de sair dos lábios de Cristo, enquanto procedia à cura daqueles pacientes ! Tal é ainda a sublime experiência do mundo crente quando, através das instituições médicas e missionárias, continúa aquela faceta amável da obra do Mestre.

Não há empresa cristã que copie tão fielmente a obra de Jesus como a dos serviços clínicos missionários. Por esta razão, um grande número dos nossos obreiros seguiram a carreira médica, e de enfermagem, nos países civilizados e nos campos das missões.

Encontram-se espalhados nas mais variadas regiões do mundo.

De um dos nossos Inspectores na repartição central do movimento extraímos a seguinte descrição :

«No ano passado tive o privilégio de visitar as nossas missões no Oriente. Nas províncias longínquas da China encontrei as prementes necessidades entre os leprosos, cegos e refugiados pobres. Ali encontrei porém um considerável número de zelosos e capazes médicos-missionários prontos a servir e defrontar as necessidades com os seus esforços incansáveis. Tudo ali vive nas mais primitivas e adversas circunstâncias. Tem havido casos em que as casas e dispensários foram destruídos e a vida do pessoal correu grave risco.

«O alvo dos nossos missionários-médicos é aliviar os que sofrem, curar os doentes, vestir os nus e alimentar os famintos, encher de esperança as almas que só têm

conhecido a opressão, a dificuldade, privações, escravidão e cuja idéia de Deus se compõe apenas de medos e expectativas de castigos atrozes. Este nobre esforço baseia-se nas pa-

lavras confortantes do profeta Isaías : «Reparas o teu pão com o faminto, recolhas em casa os pobres desterrados e, vendo o nú, o cubras e não te escondas da sua carne ? Que desfaças as ataduras do jugo e que deixes livres os quebrantados e despadaces todo o jugo ?» (Isaías 58:7,6).

«Trabalhos desta natureza só podem encontrar o apoio de Deus e das pessoas de boa vontade. Os resultados são maravilhosos, mas os obreiros são poucos ! Em toda a parte estamos fazendo trabalho de desenvolvimento intelectual, moral e físico no meio dos indivíduos em contacto connosco. Assim na cidade de Mukden (Manchukuo), vi um hospital missionário com a lotação de camas cheias de doentes e nas secretarias estava uma lista cheia de nomes para admissão. Os médicos e enfermeiras, além das suas horas de trabalho regular no hospital, tratavam uma média diária de oitenta a cem doentes noutra dispensário. Ali se dirigiam diariamente pela manhã cedo as pes-

l) e perto e de longe chegam doentes ao dispensário de uma missão adventista no Congo

(Cont. na pág. 16)



RESUMO DE UM

A última Assembléia Mundial da Congregação Adventista ouviu um relatório com números interessantes e animadores.

A mensagem do advento estava fixada em 404 países e ilhas. Um verdadeiro exército de 28.900 evangelistas e empregados noutros trabalhos e instituições exerce a sua actividade em 820 línguas e dialectos.

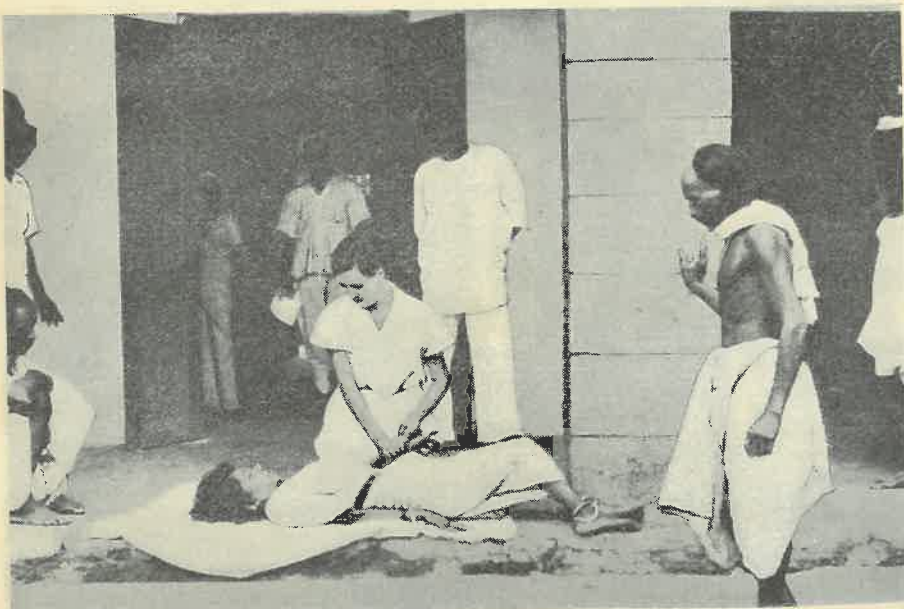
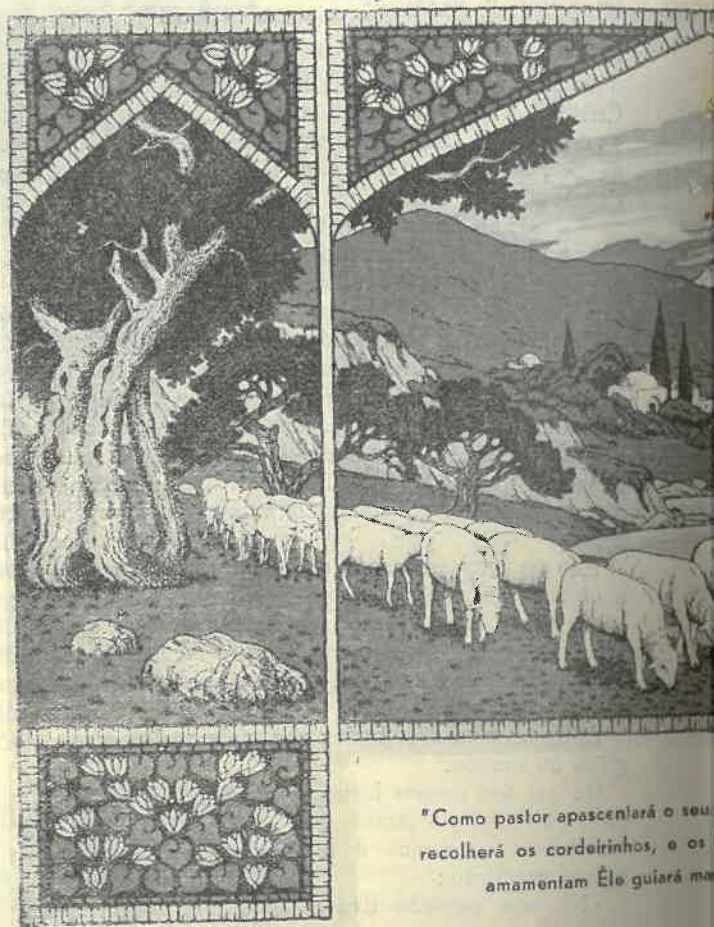
Um total de 242 novas línguas foram acrescentadas à lista nos últimos quatro anos.

As 2.763 escolas do movimento, entre primárias e secundárias, empregam 6.240 professores e dão instrução a 116.706 alunos. Os 158 sanatórios, hospitais e dispensários empregam 6.734 médicos, enfermeiros e outro pessoal no tratamento de 739.324 doentes, em média anual, no que gastaram quasi 10 mil contos.

Literatura anual em 199 línguas é publicada por 79 casas editoras, num valor de 112 mil contos. Também contribue para o aperfeiçoamento físico produzindo alimentos saudáveis em 29 fábricas. As 486 670 congregações espalhadas por todo o mundo

deram para a manutenção deste grande movimento uns 338 mil contos, durante o último ano, em dízimos e ofertas, o que dá uma média individual

Um doente em estado gravíssimo, levado a um hospital adventista, na Índia



NOBRE TRABALHO



ou rebanho; entre os seus braços
os levará no seu regaço: as que
mansamente». Isaias 40: 11



de 704 escudos. Todo êsse dinheiro tem sido gasto no desenvolvimento do Evangelho e em fazer bem às pessoas relacionadas com os nossos centros de beneficência.

Há nas nossas congregações 3.246 Sociedades de Beneficência, conhecidas por Sociedades de Dorcas. O seu papel é de fornecer alimento e roupas para os necessitados. Também prestam assistência notável em tempos de emergência nacional, cooperando com a Cruz Vermelha e outras organizações semelhantes nas suas actividades humanitárias.

Grandes quantidades de roupa e ligaduras foram fornecidas aos refugiados nestes anos de guerra, bem como aos médicos e dispensários ao trabalho nos países das missões. As nossas Congregações mundiais inter-ajudam-se na execução dêste nobre propósito.

Todo êste trabalho filantropico carece de muitos braços e de auxílio, e por

isso, além do nosso esforço pessoal devemos recorrer à generosidade dos nossos amigos. Aproveitamos mais uma vez a ocasião de manifestar o nosso agradecimento a todos quantos nos têm ajudado neste importante movimento caritativo e espiritual. Podem estar certos do bom emprego que fizemos e continuaremos a fazer de tudo quanto recebermos.

A esposa' do governador de Bombaim visitando o hospital adventista de Surat



Qual a es do mundo



Uma canoa ao serviço
missionário

A noite dêste mundo er-
gue o seu grito.

No meio das trevas cres-
centes dêstes tempos maus e até cruéis tal grito
sai dos lábios de inumeráveis milhões que estão
sofrendo por todo o mundo.

E' o grito dos que perderam os membros que-
ridos da sua família, os seus amigos, casas, liber-
dade na maré crescente de maldade que está in-
vadindo as nações. E' o grito

Tratamento da vista
a uma mexicana

de tôdas as vítimas inocentes
da nova guerra mundial, dos



nos termos da visão apocalíptica: «Até quando,
ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e
vingas o nosso sangue dos que habitam sôbre a
Terra?»

Até quando, sim, até quando? Já basta de mi-
séria e de tristeza. Por tôda a parte, tôda a gente
está cansada desta interminável luta pelo poder,
de tôdas as dôres e desgraças que lança sôbre o
povo. Necessitamos libertamento de tôda esta ti-
rania, terror e tormento; necessitamos dêle *agora*.
Não poderemos suportar êste pêso de tristeza por
muito mais tempo e voltar-nos-emos para Deus a
pedir-lhe auxílio.

Temos promessas do Seu auxílio eficaz. Da ce-
lestial glória descem através dos céus as palavras
que lemos no Apocalipse 22:12: «Eis que cedo
venho e o meu galardão está comigo para dar a
cada um segundo a sua obra».

Não será esta notícia confortadora para os cris-



Desbravando o terreno no interior de Angola

tãos? Cristo voltará! Virá dar fim a tôda a luta,
voragem, amargura, ódio, violência e destruição;
inaugurar gloriosos anos de paz duradoira; «en-
xugar tôda a lágrima dos seus olhos».

Eis aqui uma bela promessa! Nela se concen-
trará a esperança do mundo. Dela falaram os an-
tigos verdadeiros profetas a quantos queriam

Permanência cristão?

conhecer da sua certeza :
«Eis que o Senhor Jeová virá
com o Seu braço
dominará ; eis que o Seu ga-
rdão está com Ele e o seu
trabalho diante d'Ele» Isaías
40:9,10.

Para maior satisfação, sa-
mos que Ele virá em breve
tempo. Não esperaremos mui-



Escola de preparação missionária no sul da Índia



Futuros obreiros missionários

já quasi cem anos
— um século dos
mais ricos e mo-
mentosos de toda a
História.

Segundo facto é
que vivemos «nos
dias daqueles reis»
— ou reinos — que
substituíram o Im-
pério Romano, du-
rante os quais, con-
soante diz o profeta
Daniel 2:44, será
estabelecido o reino
de Deus.

O terceiro facto
é que vivemos no

Grande escola adventista nas Filipinas



Por todo o lado se vêem
os sinais da proximida-
de da Sua vinda. O grito das
multidões cheias de sofri-
mento que pedem libertamen-
to obterá a sua resposta na
parição de Cristo, em poder
glória.

Não são fábulas ! Eis aqui
grandes factos que com-
provam a verdade desta dou-
trina :

O primeiro é que temos
passado os grandes perí-
odos das profecias Bíblicas.
O mais longo — os 2.300
anos de Daniel 8:14 — ter-
minou em 1844. Desde aquele
ano, término de grande pe-
ríodo profético, decorreram



As catadupas de destr
ção e ruínas a cair sôb
mundo, após tantos a
de nobres esforços dos
lhores homens que traba
ram pela paz ; o frac
total das boas intenções
cristãs, numa palavra,
outro facto que
comprovando as predi
feitas por Jesus quando
zia : «Haverá na Terra
angústia das nações... Hom
desmaiando de terror,
expectação das coisas
sobrevirão ao mundo .»

Então
Clínica ao ar livre
em favor de refu-
giados chineses

rão vi
Filho
homem

meio duma época
de grandes estudos
sobre os profetas e
de grande desenvol-
vimento científico,
no que respeita
principalmente aos
transportes e comu-
nicações. O conhe-
cimento das profec-
ias deverá ser di-
fundido a todo o
mundo na presente
geração. Ora tudo
isto é o cumprimen-
to da profecia de
Daniel 12:4.



5.000 refugiados chineses ag-
dando que lhes seja servida
refeição fornecida pelo hosp
de Yengcheng, China



ma nuvem com poder e gr-
de glória» Luc. 21:25-27

A falta de respeito pes
direitos alheios pode con-
tuir o quinto facto, (m
conhecido e bem triste.)
direito está bruxoleante e
prestes a desaparecer, en
o confisco de bens a milhõ,
com a prisão, a tortura o
exílio que vinca na menten
sulco de tristeza, aquele «to-
po de angústia qual nua
houve desde que houve r-

ção» p-
visto m
China — Família
refugiada

Daniel 11

para as fases finais da história.

Sexto facto encontramos-lo no abaixamento das normas de moral bem visível por todo o lado e manifesto no desenvolvimento do crime, roubo, políticos corruptos, e até, infelizmente, na vida doméstica, na multiplicidade de divórcios, nos modelos baixos de virtude, honestidade e veracidade. Encontramo-nos com certeza nos tempos de que S. Paulo falava a Timóteo, na 2.^a epístola, capítulo

3:4,5 quando dizia: «*Nos últimos dias...* haveria homens mais amigos dos deleites do que amigos de Deus, tendo a aparência da piedade mas negando a eficácia dela». Quem não vê a marcha geral da vida diária para a mesma situação dos «tempos de Noé», na conquista dos prazeres à custa dos princípios honestos, tal qual predisse Jesus em S. Luc. 17:26,28?

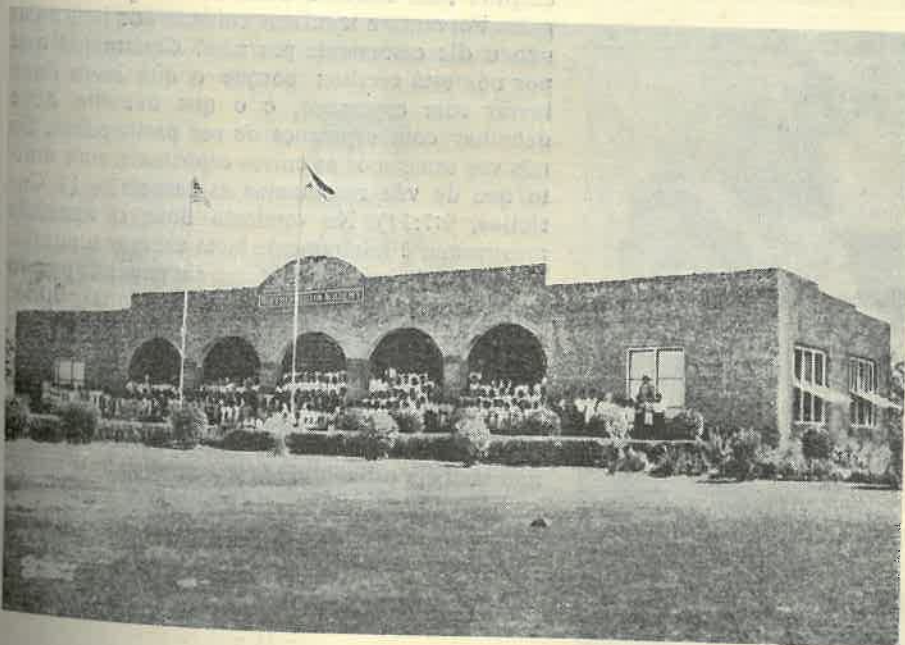
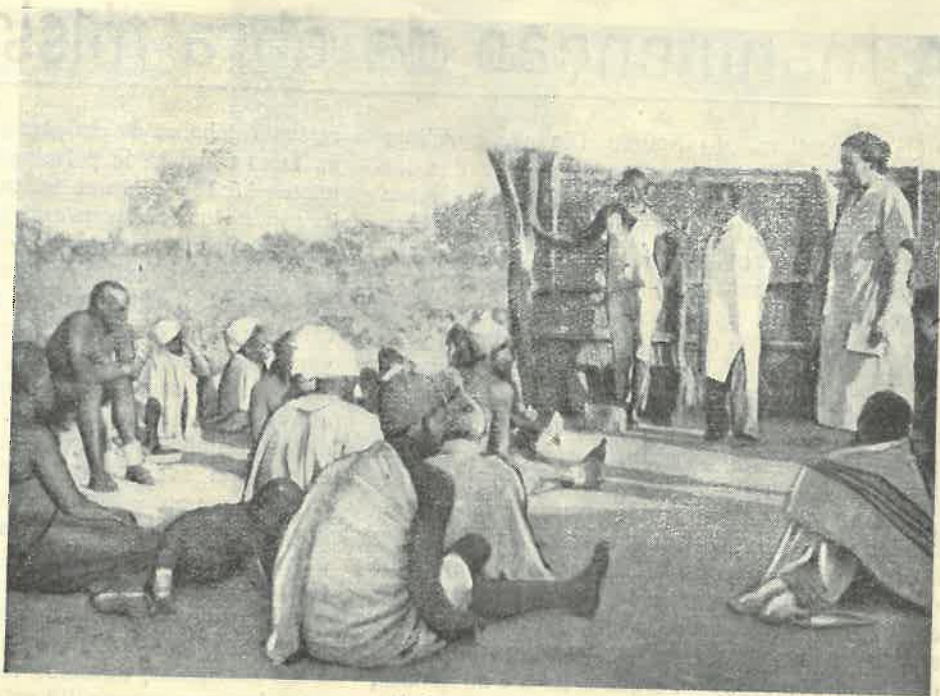
O sétimo facto está em que o Evangelho do Reino, as boas notícias do amor redimidor de Jesus e da Sua vinda, lá vai sendo anunciado a todo o mundo, para lhe servir de aviso. Nos últimos cem anos deu-se o mais admirável desenvolvi-

mento missionário de toda a história cristã. As Sagradas Escrituras têm sido traduzidas em mais de mil línguas e dialectos. A grande mensagem do Advento, a que pertence esta revista, é anunciada em mais de 850 línguas, nuns 400 países e ilhas. Pois este vasto trabalho que consiste, no fundo, em anunciar a vinda de Jesus constitui talvez o fenómeno religioso mais notável na história. Ora Jesus disse que, quando este sinal se desse, quando o Evangelho fôsse pregado em testemunho a todas as nações: «Então viria o fim».

Que dúvida poderá ficar no espirito? Jesus regressará em breve. «Quando virdes todas estas coisas sabeis que Ele está perto, mesmo às portas» S. Mateus 24:33.

A todos quantos sofrem e suspiram por libertamento, cujo grito de angústia chegue aos céus, ao coração de Deus, Ele envia esta mensagem animadora: «Quando estas coisas começarem a acontecer, olhai para cima, levantai as vossas cabeças porque a vossa redenção está próxima». S. Lucas 21:12.

A. D. Gomes



A manutenção da obra missionária

Os Adventistas do Sétimo Dia não solicitam donativos dos outros porque desejem evitar dar êles próprios. Lembram-se das palavras: «Honra ao Senhor com a tua fazenda, e com as primícias de toda a tua renda.» (Provérbios, 3:9). «Cada um contribua segundo propôs no seu coração; não com tristeza, ou por necessidade; porque Deus ama ao que dá com alegria.» (2 Coríntios 9:7), «Portanto ofereçamos sempre por Ele a Deus sacrifício de louvor, isto é, o fruto dos lábios que confessam o Seu nome. E não vos esqueçais da beneficência e comunicação, porque com tais sacrifícios Deus se agrada.» (Hebreus, 13:15, 16).

Não só dão «com alegria», mas além disso reconhecem o direito de Deus sobre o dízimo dos seus lucros, ou do seu salário se são empregados de outros. A consagração de um dízimo ou a décima parte não procede de um espírito de generosidade ou benevolência, mas de uma obrigação (Levítico, 27:30-32). «Porque a terra é do Senhor, e toda a sua plenitude.» (1 Coríntios, 10:26). Reconhecem que são apenas dispenseiros de Deus (Lucas 12:42; 19:12,13; Mateus 25: 14-27), que se requiere dêles fidelidade, e que Deus condena quem retém o dízimo como culpado de furto (Malaquias 3:8).

Outrora o dízimo era destinado à manutenção dos sacerdotes e levitas, que ministravam no santuário (Números 18:21). Que os cristãos gentios

estavam debaixo da obrigação de sustentar a causa de Deus é mostrado pelas palavras da Ep. aos Romanos 15:27: «Porque se os gentios foram participantes dos seus bens espirituais, devem também ministrar-lhes os temporais.»

Nos tempos antigos Abraão pagou dízimos a Melquisedeque, sacerdote do Deus Altíssimo (Hebreus 7:1,2). Sob a dispensação cristã levantou-se «outro sacerdote» (vers. 15), Jesus, «feito eternamente sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedeque.» (Hebreus 6:20). Visto que Melquisedeque reconhecia a justiça do sistema do dízimo, é razoável supor que Aquêle que foi «feito eternamente sumo sacerdote» segundo a sua ordem devia confirmá-lo. É por isso que nós o ouvimos dizer: «Vós pagais dízimos... deveis fazer isso.» (Mateus, 23:23). A Sua atitude era coerente desde que Ele tinha dito aos Seus discípulos: «Digno é o obreiro do seu salário.» (Lucas, 10:7). Como Seus Discípulos, devemos reconhecer êsse princípio visto que somos filhos espirituais de Abraão, pois «se sois de Cristo, então sois descendência de Abraão, e herdeiros conforme a promessa.» (Gálatas 3:29). Cristo dirigindo-se aos Judeus observou: «Se fôsseis filhos de Abraão faríeis as obras de Abraão» (João 8:39), mostrando que as pretensões de parentesco espiritual devem ser mostradas por obras.

Falando da manutenção do ministério na Igreja Cristã, o Apóstolo Paulo escreveu: «Quem jamais milita à sua própria custa? Quem planta a vinha e não come do seu fruto? Ou quem apascenta o gado e não come do leite do gado? Digo eu isto segundo os homens? Ou não diz a lei também o mesmo? Porque na lei de Moisés está escrito: Não atarás a boca ao boi que trilha o grão. Porventura tem Deus cuidado dos bois? Ou não o diz certamente por nós? Certamente que por nós está escrito; porque o que lavra deve lavrar com esperança, e o que debulha deve debulhar com esperança de ser participante. Se nós vos semeamos as coisas espirituais, será muito que de vós recolhamos as carnis?» (1 Coríntios, 9:7-11). No versículo doze o apóstolo mostra que é inteiramente justo esperar o auxílio financeiro da igreja, ainda que ele sugere que não tem sido usado êsse poder, para suportar tudo. E tira as suas conclusões com as fortes palavras de 1 Coríntios 9:13-14: «Não sabeis vós que os que administram o que é sagrado comem do que é do templo? E que os que de continuo estão junto do altar, participam do altar? Assim ordenou também o Senhor aos que anunciam o Evangelho, que vivam do Evangelho.» A sua alusão ao templo e ao altar mostra que o Apóstolo estava dirigindo a atenção da igreja cristã para a lei pela qual êsse serviço era

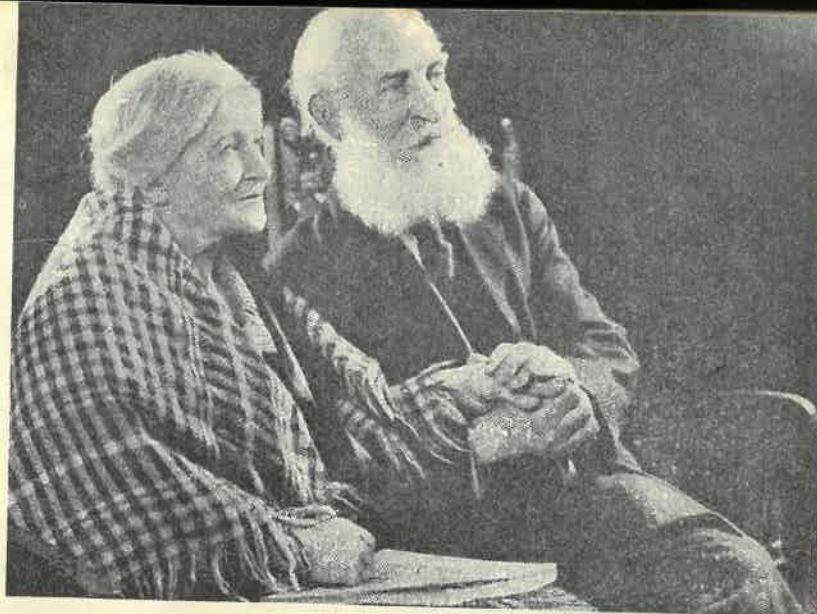
Um lavrador dízima os produtos do seu campo



sustentado — a lei do dízimo. Ele insistia que a pregação do Evangelho devia ser assegurada pelo mesmo plano, ou sistema.

O mesmo pensamento é recalcado pelas palavras à mesma igreja em 2 Coríntios 11:8,9: «Outras igrejas despojei eu para vos servir, recebendo delas salário; e quando estava presente convosco e tinha necessidade, a ninguém fui pesado. Porque os Irmãos que vieram da Macedônia suprimam a minha necessidade.» A respeito desses fiéis irmãos lemos em Filipenses 4:15: «Bem sabeis também vós, ó Filipenses, que, no princípio do evangelho, quando parti da Macedônia, nenhuma igreja comunicou comigo com respeito a dar e a receber, senão vós somente.» Nem eram os Coríntios os únicos que não reconheciam a obrigação de sustentar o ministério pelo pagamento de dízimos, porque no versículo 16 lemos: «Também uma e outra vez me mandastes o necessário a Tessalônica.» É interessante observar que pode ter sido o relaxamento desta igreja neste e noutros pontos cardiais da fé que levou o brilhante jovem Demas, quando arrastado pelo amor do mundo, a fixar-se ali para que a sua infidelidade não pudesse ser censurada. (Vid. 2 Timóteo 4:10).

É portanto evidente que Deus espera que a Igreja Cristã sustente a obra do Seu ministério. Este financiamento não difere do do antigo templo e altar, que era o dízimo — a décima parte. Ninguém está isento da obrigação do seu pagamento — nem ainda os hipócritas (Mateus 23:23), porque a terra é do Senhor. Aos que o não fazem Deus chama ladrões (Malaquias 3:8). Mesmo os que têm má vontade estão sob essa obrigação. Notai a diferença entre um privilégio reconhecido e uma obrigação inevitável como sugerido em 1



Coríntios 9:17: «Por isso se o faço de boa-mente terei prêmio; mas se de má vontade, apenas uma dispensação me é confiada.» Aos que de boa-mente dão a Deus o Seu dízimo está escrito: «Trazei todos os dízimos à casa do tesouro, para que haja mantimento na minha casa, e depois fazei prova de mim, diz o Senhor dos exércitos, se Eu não vos abrir as janelas do céu, e não derramar sobre vós uma bênção tal, que dela vos advenha a maior abastança.» (Malaquias 3:10). Hoje as janelas do céu parece estarem lançando bombas, torpedos aéreos e morte. Pode isso ser ocasionado pela infidelidade do homem em dar a Deus o que Lhe pertence? O que Ele deseja para a Sua igreja é que os céus se possam abrir em chuvas de bênção.

Alberto F. Raposo

NAS TERRAS DA LENDA E DO FEITIÇO

(Continuação da página 3)

com o sr. Alberto de Macedo, chefe deste posto. Ele soube apenas disto sob o ponto de vista administrativo, mas eu acompanhei-o com todas as particularidades supersticiosas.

Como acabar com estas selvagerias? Pela força? Sem dúvida que a força é necessária mas não evita. Só o Evangelho de Cristo tem poder eficaz para debelar o mal; pelo conhecimento de Deus e da sua vontade é que estas e muitas outras práticas selvagens poderão ser evitadas. É neste trabalho e nestas trincheiras que estamos lutando.

Para maior intensificação do Evangelho — que deve ser levado a todas as tribus — necessitamos de fundos. Tomo por isso a liberdade de pedir ao leitor o seu auxílio para nos ajudar a desbravar estes selvagens e trazê-los para o aprisco do Senhor Jesus.

Artur da Silva Oliveira

O homem de
negócios dá o
dízimo de suas
receitas



Nossa obra nos Camarões

(Continuação da página 4)

quista indígena. Este último, ou por vezes um professor da escola, encarrega-se também das outras reuniões. O catequista visita além disso regularmente os indígenas em suas palhotas para os animar e os trazer à missão. Na missão encontra-se ainda uma escola, onde se ensina a ler, escrever, e contar, e os rudimentos da educação cristã.

Os alunos entretêm-se todos os dias úteis em trabalhos agrícolas, porque é preciso juntar o trabalho manual ao estudo. Ouve-se muitas vezes dizer que o preto não gosta de trabalhar. Talvez seja verdade. Mas quando se sabe dirigi-lo, estimulá-lo, ele entrega-se corajosamente à obra. É digno de se ver os nossos pequenos alunos cheios de entusiasmo, com a enxada na mão, a preparar, cantando, sob um sol abrasador, uma nova plantação de batata doce ou de mandioca.

Eu ocupo-me ainda tratando dos doentes que são sempre numerosos e que antes querem ser tratados na missão do que no hospital de Batouri. Dirijo também uma bela classe de costura para as pequenitas da escola.

Além da missão temos várias estações secundárias, nas grandes aldeias que se encontram junto da estrada. Nelas fizemos construir pequenas capelas nos materiais da região. Professores-catequistas, por vezes muito novos, ocupam-se na evangelização das aldeias e há aí também pequenas escolas bem frequentadas. Por este meio os pagãos da selva podem entrar em contacto com a nossa mensagem. Eles gostam de ter a visita do missionário, e por isso partimos muitas vezes na nossa moto para dirigir reuniões pelas várias aldeias. Queira Deus fazer germinar nos corações a boa nova assim comunicada.

Nos Camarões a nossa obra progride, pois, rápida e vitoriosamente. Há ainda muito a fazer, certamente, em favor dos pobres pretos, escravos da doença e do pecado. Mas esperamos que Deus fará triunfar a Sua causa nesta bela terra africana, como no mundo inteiro.

Alice Ferreira

Educação da juventude nas Missões

(Continuação da página 6)

ta, que de tão má fé se lhes atribue por vezes, irão ensinar ao indígena o amor a Portugal e o respeito pelas leis e autoridades do nosso país.

Torna-se necessário fundar muito mais escolas. De todas as partes nos chegam pedidos de professoras. É a resposta efectiva a esses apelos que se destina a possível receita da venda desta publicação.

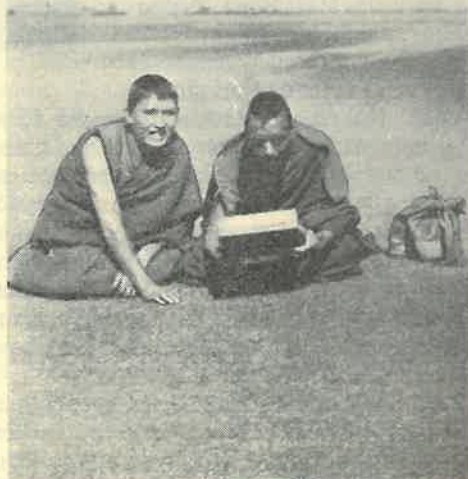
E. Ferreira

Ajudemos os que sofrem

(Continuação da página 7)

soas que desejam consultar o médico e quando recebiam tratamento as suas faces ficavam radiantes de profunda gratidão e de alívio.

«Pessoalmente declaro que é uma honra e privilégio contribuir para tais serviços úteis à humani-



Através dos planaltos do Tibet, dois indígenas fazem uma pausa nas suas jornadas para lerem o Evangelho na língua tibetana

dade feitos por indivíduos que vivem fora de qualquer idéia de mero lucro e até em condições de desconforto e de perigo.»

E o que atrás fica sobre a obra sanitária adventista na China poderíamos dizê-lo da mesma obra nas nossas missões portuguesas e no hospital do Bongo em Angola.

M. Viegas

SUPLEMENTO DA

REVISTA ADVENTISTA

Órgão exclusivamente religioso e de informação da União Portuguesa das Igrejas Adventistas do Sétimo Dia

Director: *A. Dias Gomes*

Administrador: *P. Brito Ribeiro*

Redacção e Administração,

Rua das Picoas, G. F. C., 3.º — Lisboa-Norte

Composto e impresso na Imprensa LUCAS & C.^a
59, Rua do Diário de Notícias, 61 — LISBOA



Sedes das Congregações Adventistas

Lisboa — Rua Joaquim Bonifácio, M A.

Pôrto — Rua de Santo Ildefonso, 376, 2.º

Portalegre — Rua dos Muros.

Tomar — Rua Dr. Madureira, 29.

Coimbra — Rua da Sofia.

Barreiro — Rua Vinte de Abril.

Vila Real de Santo António — Rua Heliodoro Salgado, 143.

Funchal — Rua Dr. António José de Almeida, 9.

Ponta Delgada — 1.ª Rua de Santa Clara, 2.

Brava (Cabo Verde) — Nossa Senhora do Monte.

S. Tomé — Caixa Postal, 349.

Nova Lisboa (Angola) — Caixa Postal, 3.

Missão de Munguluni — Correio de Munhamade, Quelimane — Moçambique.

“IDE A TODO

O MUNDO

E PRÉGAIS O

EVANGELHO

A TÔDA A CRIATURA”



**«A propaga-
ção do Cristianismo
em tôda a sua pureza — livre
de todos os abusos e erros, que o
fanatismo, a relaxação dos costumes, e o
esquecimento dos seus princípios fundamentais
lhe tem introduzido, com o andar dos séculos — seria um
dos meios mais seguros de promover a civilização da África.»**

Palavras do antigo Ministro das Colônias JOÃO DE ANDRADE CORVO
nos seus *Estudos sobre as Províncias Ultramarinas*.